

O DAY AFTER OLÍMPICO E A UNIVERSIDADE

Olympic day after and university

Go Tani*
Cássio de Miranda Meira Júnior*
Jorge Alberto de Oliveira*
Umberto César Corrêa*

RESUMO

Logo após o encerramento de Jogos Olímpicos assiste-se no Brasil a um interessante fenômeno repetitivo: indignados com o desempenho abaixo das expectativas dos atletas brasileiros, dirigentes esportivos, ex-atletas, jornalistas esportivos, empresários esportivos, políticos esportivos, entre tantos outros “amantes do esporte”, vêm a público fazer críticas, apresentar possíveis explicações e, mais do que isso, sugerir fórmulas eficazes para o sucesso nas próximas olimpíadas. As causas do insucesso mais apontadas são a falta de uma educação esportiva em nosso país e a insuficiência de investimentos, especialmente do setor público, no esporte de rendimento. As soluções, por sua vez, são a massificação da prática esportiva, começando pelas escolas e a criação de mecanismos governamentais para o aumento do investimento de recursos financeiros para patrocinar atletas, clubes, federações e confederações. Se as causas do insucesso e as soluções para o sucesso são tão conhecidas, qual o sentido desse acontecimento repetitivo e cansativo de quatro em quatro anos? O objetivo deste ensaio é refletir sobre alguns fatores que têm contribuído para dar sobrevida ao fenômeno repetitivo e discutir o papel da universidade no combate a esses fatores que tanto retardam o desenvolvimento do esporte de rendimento no nosso país.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos. Universidade. Esporte de rendimento.

PALAVRAS INICIAIS

De quatro em quatro anos assiste-se no Brasil a um interessante fenômeno logo após o encerramento de jogos olímpicos: indignados com o desempenho abaixo das expectativas dos atletas brasileiros, dirigentes esportivos, ex-atletas, jornalistas esportivos, empresários esportivos, políticos esportivos e outros tantos “amantes do esporte” vêm a público fazer críticas, apresentar possíveis explicações e, mais do que isso, sugerir fórmulas eficazes para o sucesso nas próximas olimpíadas. Não foi diferente desta vez. Os meios de comunicação, nos dias subsequentes ao término dos Jogos de Pequim, estiveram recheados de manifestações dessa natureza.

Apesar da diversidade profissional de seus autores, a maioria dessas manifestações, com algumas pequenas diferenças de teor e “calor”, aponta as mesmas causas para o fracasso esportivo recorrente: resumidamente, a falta de um amplo programa de educação esportiva em nosso país e a insuficiência de investimentos, especialmente do setor público, no esporte de rendimento. Partindo dessa constatação, as manifestações apresentam, prontamente, as sugestões para o sucesso no futuro: massificar a prática esportiva, a começar pelas escolas, e criar mecanismos governamentais para o aumento de recursos financeiros para patrocinar atletas, clubes, federações e confederações.

Essas manifestações, volumosas e notadamente ruidosas nos dias imediatamente seguintes ao encerramento das olimpíadas, vão

* Doutor, professor da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

perdendo o seu ímpeto gradativamente até desaparecer por completo em questão de semanas, para então ressurgir após quatro anos de hibernação.

O *day after* olímpico no Brasil traduz-se na mesma história de sempre: diagnóstico igual e prescrições prontas. Evidentemente, isso deixa uma pergunta no ar: se o problema central do esporte de rendimento brasileiro está devidamente diagnosticado e as soluções já pensadas, por que este país insiste tanto em não atacá-lo de frente? Lutar por medalhas olímpicas não faria parte das prioridades nacionais? Temos memória curta e só nos lembramos do problema às vésperas dos jogos olímpicos? Seria o diagnóstico do problema equivocado, daí a dificuldade de se passar para ações concretas? Muitas especulações são possíveis. O objetivo deste ensaio é refletir sobre alguns fatores que têm contribuído para dar sobrevida a esse fenômeno repetitivo de quatro em quatro anos e discutir o papel da universidade no combate a esses fatores que retardam o desenvolvimento do esporte de rendimento no nosso país.

O DAY AFTER : DAS CAUSAS E SENTIDOS DA DECEPÇÃO

É oportuno ponderar, inicialmente, que o grau de decepção com os resultados alcançados numa competição esportiva não depende apenas dos resultados em si. A sensação de decepção está diretamente relacionada à expectativa formada, ou seja, o grau de frustração aumenta proporcionalmente à diferença entre o esperado e o alcançado. Destarte, é preciso analisar os resultados na sua relação com a expectativa formada, mas isso não é uma tarefa fácil. Seria possível formar uma expectativa realística para o desempenho dos atletas conterrâneos numa competição como os Jogos Olímpicos, em que o patriotismo se exalta e o nacionalismo se exagera? Poderia essa expectativa ser formada mediante um processo sereno de avaliação e reflexão, livre da influência de agentes e mecanismos extrínsecos formadores de opinião?

Não se pode deixar de considerar, nessa reflexão, a força que têm os meios de comunicação de massa na formação de expectativa das pessoas. Existem exceções, mas

as mensagens por eles veiculadas contribuem em muito para a formação de uma expectativa superestimada das conquistas do país. Do ponto de vista da mídia, isso é razoavelmente compreensível, pois certamente trata-se de uma estratégia baseada em estatísticas mostrando uma relação clara entre o nível de otimismo criado nas pessoas e o tempo destas em frente à TV, o volume de revistas vendido, o número de jornais lidos, e assim por diante. Na lógica do *business* esportivo, não poderia ser diferente. Imaginem-se as consequências desastrosas no que se refere ao retorno publicitário se ela projetasse uma olimpíada absolutamente sem chances para os atletas patricios!

Por outro lado, é preciso reconhecer que a dificuldade em estabelecer expectativas realísticas de *performance*, tanto na perspectiva do praticante como na do torcedor ou espectador, constitui uma das características do próprio esporte, devido ao contexto sociocultural em que ele é praticado. Muito discutido na Sociologia do Esporte é o “condicionamento social” para a *performance* presente na nossa cultura (TANI, 2001). Vários fatores contribuem para esse condicionamento: a própria estrutura social, que só valoriza o sucesso, seja qual for a atividade em questão ou a idade das pessoas, a pressão que os pais exercem sobre os filhos desde a tenra idade, os dirigentes esportivos gananciosos e imediatistas, que só pensam nos resultados e não investem no processo, os profissionais/treinadores de esporte mal formados, entre outros. Além disso, o culto ao atleta (seu sucesso, *status* e poder) também disseminado e explorado pelos meios de comunicação e presente na nossa cultura é outro importante fator que cria e fortalece cada vez mais uma imagem de esporte que contribui para a formação de expectativas não realísticas de *performance*.

O “condicionamento social” para a *performance* tem à retaguarda o atleta como um produto acabado, e assim oculta as dificuldades inerentes ao processo de sua formação. Influenciada por esse condicionamento, a criança que se inicia na natação, por exemplo, acredita que em pouco tempo poderá ser um novo Gustavo Borges ou César Cielo. Obviamente, essa expectativa é rapidamente

frustrada, pois uma diferença brutal entre o esperado e o realizado se evidencia logo no primeiro salto na água. Na ausência de uma orientação adequada, essa decepção pode tomar conta da criança a ponto de levá-la precocemente à desistência. Basta olhar para a rotatividade de alunos nas chamadas academias de natação para se ter uma noção da dimensão do problema.

É perfeitamente compreensível que o torcedor “verde-amarelo” que não acompanha de perto o processo de formação e preparação do atleta em toda a sua abrangência e complexidade (organização, competição, política, *marketing*, treinamento etc.) seja mais suscetível à influência dos meios de comunicação de massa às vésperas do evento. Muitas das expectativas traçadas pela mídia sobre o desempenho do nosso país em Pequim eram, aos olhos de especialistas, claramente superestimadas e até mesmo infundadas. Acreditando-se nas suas projeções, era de esperar certa decepção.

Tudo isso evidencia que o que falta no Brasil não é apenas uma educação esportiva voltada para a formação de atletas, mas algo mais amplo, que poderia ser chamado de uma cultura esportiva. Tal cultura esportiva não teria apenas o sentido da prática massificada, mas de incorporação do esporte de forma crítica e refletida, com base nos conhecimentos de suas dimensões e implicações biológicas, sociológicas, políticas, econômicas e culturais. Deveria ser um fenômeno sociocultural que agregasse valor e qualidade à vida, não apenas na perspectiva do praticante, mas também do espectador, do interessado, do torcedor, do estudioso - do cidadão, enfim.

Na realidade, o desempenho de atletas brasileiros em Pequim não foi significativamente diferente do verificado em outras olimpíadas recentes. Os resultados alcançados se assemelharam estatisticamente aos de Atlanta, Barcelona, Seul e Sydney. Apenas um fator adicional pode ser apontado como possível causador do eventual aumento no grau de decepção: a não conquista de medalha de ouro em algumas modalidades, em que as possibilidades eram de fato reais - o que, em relação ao *ranking* dos países, deixou o Brasil abaixo de muitos outros sabidamente menos expressivos no esporte.

Embora almejar sempre melhores resultados no campo do esporte de rendimento seja uma aspiração legítima de um país - e sabe-se que quando isso é concretizado a sua autoestima se eleva, influenciando positivamente outros setores, aspectos e dimensões da sua vida - é de bom tamanho reconhecer que o lugar ocupado pelo Brasil no *ranking* esportivo mundial está muito acima, comparativamente, da posição por ele ocupada em outros *rankings*, notadamente de indicadores sociais como a mortalidade infantil, o analfabetismo, a segurança urbana, a segurança de trabalho, a corrupção, entre outros. Daí a pergunta: teria sido sensato esperar de um país com essas características um desempenho esportivo muito diferente em Pequim? No plano da razão não, pois em caso afirmativo estaríamos projetando, de forma idealizada, uma espécie de ilha de excelência num mar de problemas. Com raras exceções, a maioria dos países que se posicionam nos melhores lugares no *ranking* esportivo nas olimpíadas ocupam também posições de destaque nos indicadores sociais, evidenciando, no seu conjunto, o que se pode denominar de nível de desenvolvimento alcançado por um país. Isso evidencia que o esporte não pode ser visto como algo diferenciado e dissociado de todas as outras atividades que compõem a vida de um país, apesar de se reconhecer que, no plano emocional, o esporte encerra e incita comportamentos e reações que a razão é incapaz de explicar.

Diante dessas considerações é possível concluir que, apesar de real, o *day after* olímpico merece uma análise mais cuidadosa de suas possíveis causas, separando-se aquilo que é pertinente e plausível daquilo que é fictício e desprovido de sentido. Os sentimentos de decepção relativos ao desempenho de nossos atletas nem sempre são razoáveis e justificáveis.

ESPORTE DE RENDIMENTO NA UNIVERSIDADE

Na discussão da relação entre a universidade e o esporte de rendimento, é imprescindível fazer-se, de partida, um esclarecimento acerca de uma recorrente manifestação de que a universidade no Brasil não se envolve com o esporte de rendimento como deveria. Essa

acusação é sempre feita contrapondo a nossa realidade à realidade norte-americana, em que o esporte de rendimento tem a sua base na universidade. De fato, na mente de muitos críticos o modelo esportivo americano é um exemplo de sucesso a ser seguido.

Inicialmente, é importante mencionar que o esporte na universidade norte-americana é, antes de tudo, um poderoso instrumento de *marketing* institucional. Ele é utilizado para fortalecer a imagem da instituição e assim garantir o retorno financeiro em forma de maior procura pelos seus cursos de preparação profissional. Naturalmente, nem todas as universidades norte-americanas têm esse perfil, mas cabe lembrar que elas são pagas e estão sujeitas, de alguma forma, às leis de mercado. Em razão desse papel desempenhado pelo esporte de rendimento, as universidades norte-americanas investem pesadamente no seu desenvolvimento, recrutando atletas em potencial por meio de uma rede de olheiros espalhados não só no seu território mas também no exterior, e oferecendo aos mais dotados bolsas de estudo e demais vantagens inacessíveis aos estudantes comuns.

Na realidade, esses atletas vão à universidade com o objetivo precípuo de se preparar para o esporte de rendimento, colocando a sua formação profissional numa posição nitidamente secundária. Não poderia ser diferente. As demandas do esporte de rendimento são tão elevadas que não mais permitem atividades paralelas. A sua preparação exige uma dedicação *full-time*. Além disso, atletas universitários norte-americanos sabem que a melhor vitrine para o próximo passo, a carreira profissional, é o sucesso em competições universitárias. Um bom exemplo é a relação entre o campeonato universitário americano de basquetebol e a NBA (*National Basketball Association*). Assim, a adoção do esporte universitário norte-americano como um modelo a ser seguido pelas universidades brasileiras, particularmente as públicas, é no mínimo simplista, para não dizer ingênua e ilusória. O contexto e as metas são completamente distintos.

Se o esporte de rendimento norte-americano tem a sua base na universidade, no Brasil ele se apoia numa estrutura de clubes ampla, sofisticada e altamente organizada. O esporte de

rendimento no nosso país está alicerçado numa complexa rede constituída de clubes, associações, ligas, federações e confederações e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), com dinâmica e tradição muito próprias. Evidentemente, essas entidades e instituições esportivas têm objetivos específicos totalmente distintos das metas perseguidas pela universidade, quais sejam, o ensino, a pesquisa e os serviços de extensão.

Para compreender a dinâmica específica e complexa de funcionamento dessa estrutura de clubes, basta trazer à nossa lembrança o conflito criado pela Lei Pelé, envolvendo até mesmo o Congresso Nacional. Foi necessária a instalação de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do futebol, o que atesta a sua dimensão e implicação social. Ademais, todos sabem que não se tratou apenas de um problema do futebol, pois o que foi investigado teve reflexos diretos em toda a organização esportiva do país. Se essa estrutura de clubes que aí está é eficiente no alcance de seus objetivos e se ela deve receber investimento financeiro do Estado constituem um assunto que merece uma análise profunda, portanto não cabe aqui discuti-lo. Mais recentemente, as dificuldades observadas na aplicação da lei de incentivo fiscal ao esporte, podem ser tomadas como mais uma evidência do nível de complexidade do problema. Ela poderá fortalecer ainda mais os já fortes, aumentando a desigualdade entre instituições e modalidades.

Definitivamente, a universidade não é local privilegiado para a formação de atletas, pelo menos na nossa realidade. Isso não significa que ela não tenha importantes contribuições a dar ao esporte de rendimento.

ESPORTE DE RENDIMENTO E A UNIVERSIDADE

Que contribuição efetiva a universidade brasileira poderia dar para o desenvolvimento do esporte de rendimento, em consonância com os seus objetivos precípuos? Existem, fundamentalmente, três possibilidades concretas: a) a produção do conhecimento vinculado ao esporte de rendimento (pesquisa); b) a disseminação do conhecimento em forma de cursos e programas de formação de recursos

humanos especializados para o esporte de rendimento (ensino); c) a aplicação do conhecimento mediante programas de planejamento, orientação, acompanhamento e avaliação do processo de formação e treinamento em forma de parcerias e consultorias (extensão).

Produção do conhecimento

Como em qualquer outra área de atividade profissional, também no esporte de rendimento a aplicação do conhecimento científico e tecnológico tem se constituído um elemento-chave para o seu desenvolvimento (TANI, 2002a). Mais do que isso, o sucesso no esporte de rendimento tem sido crescentemente condicionado à aplicação de conhecimentos científicos para a formação e treinamento de atletas e à utilização de conhecimentos tecnológicos para o desenvolvimento de aparelhos, equipamentos e instalações esportivos.

Assim sendo, em princípio, é possível afirmar que o desenvolvimento de pesquisas para produzir conhecimentos científicos e tecnológicos a serem aplicados no esporte de alto rendimento constitui uma das funções precípuas das instituições universitárias em Educação Física e Esporte (TANI, 1996). A razão disto é muito simples: no nosso país, pesquisas, em todas as áreas de conhecimento, são fundamentalmente realizadas na universidade.

Por outro lado, esse envolvimento da universidade com o esporte de rendimento não pode ser confundido, como muitas vezes ocorre, com uma outra função frequente e erroneamente atribuída à universidade, que é a formação de atletas. Um exemplo do mundo real ajuda a esclarecer essa afirmação: o automobilismo. Não cabe à universidade produzir carros de Fórmula-1 competindo com a Ferrari ou com a McLaren, mas sim, produzir conhecimentos e tecnologias que possam eventualmente ser aplicados na produção de carros competitivos nas oficinas de quaisquer equipes de Fórmula 1 (F-1) ou mesmo de outras categorias de competição. Diga-se *eventualmente* porque é prudente ressaltar que a contribuição da universidade tem também limites. Todos sabem que a especificidade e sofisticação tecnológicas alcançadas na F-1 têm

exigido atualmente uma estrutura de pesquisa tão avançada que muitas vezes a própria universidade dela não pode dispor.

Isso nos remete a uma reflexão mais ampla sobre as possibilidades concretas de contribuição da universidade em áreas de fronteira em termos tecnológicos. Estaria o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), por exemplo, capacitado para produzir um avião a jato, ou isso seria de competência da Embraer, com tecnologias próprias produzidas a partir dos conhecimentos gerados pelo ITA? No automobilismo, boa parte das pesquisas de ponta é feita atualmente nas próprias equipes de F-1. Avanços e inovações tecnológicas como suspensão ativa, câmbio automático, ignição eletrônica e freios ABS, que gradativamente foram transferidos para a produção de carros comuns, não surgiram, salvo melhor juízo, nos laboratórios das universidades. Por outro lado, os conhecimentos científicos que propiciaram o desenvolvimento dessas tecnologias foram certamente produzidos na universidade. Muito dificilmente as pesquisas sobre a descoberta de novos materiais atualmente utilizados na estrutura de chassi dos carros (fibra de carbono, *kevlar*, etc.) de F1 foram desenvolvidas nas oficinas das equipes. Na realidade, o que esses exemplos demonstram é que existe um amplo espaço para uma profícua interação entre a universidade e outros setores produtivos da sociedade também no campo da pesquisa esportiva. Não obstante, convém enfatizar a necessidade de se ter o papel de cada um devidamente definido para não gerar expectativas e cobranças falsas, como acontece no *day after* olímpico.

Evidentemente, os conhecimentos necessários para a formação, o treinamento e o desempenho do piloto podem ser perfeitamente produzidos nos laboratórios universitários, e de fato o são. Por exemplo, a preparação física, psicológica e técnica dos pilotos demanda programas de treinamento sustentados em bases científicas, ou seja, em conhecimentos produzidos e acumulados em subáreas de pesquisa da Educação Física e Esporte como a Fisiologia do Exercício, a Bioquímica do Exercício, a Nutrição Aplicada ao Treinamento, a Biomecânica, o Controle Motor, a Aprendizagem Motora, o Treinamento

Esportivo, a Psicologia do Esporte, entre outras. Não é exagerado afirmar que, diante das exigências crescentemente elevadas e sofisticadas do esporte de rendimento, a produção de conhecimentos em todas essas subáreas mediante pesquisas básicas e, principalmente, aplicadas se mostra cada vez mais evidente como um fator decisivo para o seu sucesso.

Ainda no campo da pesquisa, uma contribuição fundamental da universidade é o estudo aprofundado desse fenômeno sociocultural denominado esporte, para esclarecer a sua natureza, as suas características e a sua dinâmica. Isso é particularmente relevante para distinguir-se o esporte de rendimento de outras formas de desenvolvimento do esporte. Quando a distinção entre o esporte de rendimento e o de lazer, por exemplo, não é adequadamente feita, sabidamente os resultados práticos são desastrosos. Que o digam os atletas de fim de semana que lotam os consultórios médicos às segundas-feiras. Como sobre essa questão já há posicionamentos firmados em textos anteriores, aos interessados sugerimos a leitura dos originais (TANI, 2000, 2002a, 2007b).

Da mesma forma, é muito relevante a universidade realizar estudos para esclarecer a relação entre a educação física escolar e o esporte de rendimento. Quanto a essa questão, procurou-se dar uma contribuição (TANI, 2007a) destacando a necessidade de deixar clara a diferença de objetivos dessas duas áreas para que as possíveis interações sejam identificadas. Evidentemente, o objetivo da educação física escolar não é preparar futuros atletas olímpicos. Ela, ao disseminar o conhecimento sistematizado e acumulado historicamente sobre o fenômeno movimento humano (esporte, exercício, dança, ginástica e jogo), abordando as suas dimensões e implicações biopsicossocioculturais, estimula e motiva os alunos à sua prática ao longo da vida, visando ao bem-estar e qualidade de vida. Como resultado dessa ação pedagógica, a educação física escolar contribui para aumentar a adesão à prática esportiva e, conseqüentemente, amplia as possibilidades de surgirem potenciais atletas olímpicos a serem encaminhados e trabalhados em instituições apropriadas.

No *day after* olímpico, muitos “iluminados”, aqueles que se apresentam com soluções prontas, alardeiam que o envolvimento com o esporte deve acontecer o quanto antes na escola, preferencialmente na pré-escola, porque isso aumentaria a possibilidade de sucesso olímpico no futuro. Trata-se de uma equivocada e perigosa relação causa-efeito que deve ser fortemente desencorajada, pois se a educação física escolar fosse assim desenvolvida, seria altamente excludente, contrariando os princípios pedagógicos e educacionais mais elementares do ensino formal. A contribuição da educação física escolar ao esporte de rendimento é indireta (TANI, 2007a), de forma que a vinculação do sucesso olímpico à massificação esportiva começando pelas escolas necessita ser muito bem refletida e devidamente contextualizada.

Disseminação do conhecimento

Além da produção do conhecimento científico, uma das maiores contribuições que a universidade tem a oferecer reside na área da formação de recursos humanos. Isto é, na disseminação, junto aos profissionais que atuam ou queiram atuar efetivamente na formação e treinamento de atletas, de conhecimentos científicos que promovam o rendimento esportivo, além de mantê-los atualizados mediante programas de aperfeiçoamento constante; no entanto, para tornar isso realidade, são necessárias algumas mudanças de atitude e postura nas instituições envolvidas. O sistema de esporte de rendimento no país necessita mudar no sentido de perceber que a academia é uma aliada, e não adversária, ou seja, reconhecer que o conhecimento acadêmico-científico é fundamental para o seu desenvolvimento. A universidade, por sua vez, necessita produzir conhecimentos que de fato contribuam para o desenvolvimento do esporte de rendimento e traduzir esses conhecimentos para uma linguagem mais acessível e apropriada à intervenção profissional. São necessários, portanto, esforços de ambas as partes para eliminar a barreira da falta de comunicação, da desconfiança, da indiferença, ou seja, da enorme distância que os separa.

Na realidade, o esporte de rendimento necessita de profissionais bem preparados para lidar não apenas com treinamento esportivo, mas

também com outros aspectos que se tornaram essenciais por sua própria evolução, como a estatística esportiva, o *marketing* esportivo, a administração esportiva, o direito esportivo, o jornalismo esportivo e assim por diante. Destarte, além dos conhecimentos anteriormente mencionados acerca da preparação física, psicológica e técnica do atleta, conhecimentos produzidos por subáreas de pesquisa como Administração Esportiva, *Marketing* Esportivo, Direito Esportivo, Estatística Esportiva, Sociologia do Esporte, entre outras, não podem faltar na formação de profissionais capazes de se envolver com sucesso nesse empreendimento coletivo altamente específico e exigente.

É visando à formação de profissionais com esse perfil que a Escola de Educação Física e Esporte da USP, por exemplo, implantou uma reforma curricular em 1991, criando o curso de bacharelado em Esporte. Esse curso, o primeiro do gênero em nosso país, tem como objetivo formar profissionais capazes de planejar e executar programas e projetos de esporte na perspectiva de rendimento (TANI, 1997). Oportuno esclarecer que o bacharel em Esporte não está sendo formado para substituir o técnico esportivo tradicional - muitas vezes um ex-atleta de sucesso - mas para fazer parte de uma equipe de profissionais de diferentes formações, incluindo esse técnico, pois isso é exigido pelo esporte de alto nível nos dias de hoje. Numa equipe multidisciplinar existe um lugar muito importante reservado aos técnicos esportivos tradicionais, pois são figuras que exercem forte influência notadamente no campo tático, afetivo, motivacional e até mítico, junto aos atletas.

No domínio da disseminação do conhecimento, em razão da demanda crescente de conhecimentos científicos para se obter sucesso no esporte de rendimento e também da crescente produção científica, outro papel relevante reservado à universidade é a formação continuada. Todos sabem que a formação inicial não mais garante um bom desempenho profissional para sempre. Existem, basicamente, duas possibilidades para enfrentar esse grande desafio que é manter-se competente e atualizado profissionalmente: uma formação inicial assente no aprender a aprender (para maiores detalhes, TANI, 2007b) e uma formação continuada mediante cursos de aperfeiçoamento e

especialização. Cabe à universidade oferecer um amplo programa de formação continuada em parceria com as entidades e instituições envolvidas com o esporte de rendimento.

Finalmente, uma grande contribuição da universidade no âmbito da disseminação do conhecimento, que não pode deixar de ser mencionada, é o aperfeiçoamento de recursos humanos técnicos que atuam no esporte de rendimento, especialmente em centros mais afastados das grandes cidades. São profissionais que não têm formação superior em Educação Física e Esporte, mas desempenham importantes funções auxiliares nas equipes técnicas de formação de atletas. Não se trata de habilitar profissionalmente no sentido legal e formal da formação, mas sim, de disseminar conhecimentos para elevar a capacitação técnica dessas pessoas. Conjeturo que o número de trabalhadores com essas características, atuantes no esporte de rendimento, suplanta em muito o de profissionais formados.

Aplicação do conhecimento

A contribuição da universidade no campo da aplicação do conhecimento pode ocorrer pelo oferecimento de uma ampla gama de serviços de extensão e de consultoria. Uma primeira contribuição seria a formação e o treinamento de atletas e a detecção de talentos.

Quando o objetivo é imediato - por exemplo, a preparação para um grande evento esportivo, como a próxima Olimpíada - existe a tendência de se priorizar a contribuição da universidade no treinamento de atletas, mas é na sua formação que reside o potencial maior de aplicação do conhecimento científico, ou seja, a contribuição da universidade seria maior quando focasse a formação do atleta, e não o treinamento do atleta já formado.

No esporte de rendimento é fundamental um planejamento de longo prazo que articule a formação do atleta e a estruturação de sua carreira com o calendário de eventos, de forma que o seu pico de *performance* seja atingido nos eventos previamente programados e não seja algo alcançado ao acaso. Num planejamento com essas características, a universidade teria relevantes contribuições a oferecer, pois muitos dos conhecimentos por ela produzidos poderiam ser aplicados na análise e previsão de possíveis

cenários e no estabelecimento de metas e ações para a formação de atletas visando, por exemplo, aos jogos olímpicos de oito ou 12 anos adiante.

Nesse tipo de planejamento, a escolha ou a definição da amostra em que será feito o investimento é o primeiro e um importante passo. Alguns instrumentos já desenvolvidos na universidade para a detecção de talentos, ainda que incipientes, podem ser úteis na identificação de potenciais atletas em diferentes modalidades. Além disso, como os talentos são escolhidos para modalidades específicas, é imprescindível um conhecimento prévio das características de cada modalidade no que se refere à sua demanda em relação a aspectos físicos, motores, cognitivos, emocionais e sociais. Esses conhecimentos, cuja produção tem exigido uma análise cuidadosa e profunda e a aplicação de métodos científicos consistentes, estão disponíveis para aplicação na formação do atleta e na tomada de outras decisões, por exemplo, no âmbito da formação técnica e tática nas respectivas modalidades. Um estudo recentemente realizado por Franchini, Sterkowicz, Meira Júnior, Gomes e Tani (2008) descobriu que atletas de elite do judô demonstram maior variabilidade de ataques no que se refere ao número de golpes e à direção de aplicação dos golpes, e que essa variabilidade é decisiva no sucesso em competições de alto nível, e não o contrário, como dita o senso comum em que muitos técnicos fundamentam o seu trabalho. Em outro estudo realizado no nosso laboratório, descobriu-se que atletas de elite de tênis de mesa adaptam as suas rebatidas às mudanças da bola alterando não o tempo de movimento do *backswing* e do *forwardswing* em si, mas o tempo na interação desses componentes da rebatida (MARINOVIC, 2003). Por sua vez, um estudo realizado por Silva (2008), também no nosso laboratório, mostrou que atletas de elite da natação demonstram, ao mesmo tempo, consistência e variabilidade de movimento nas suas braçadas, e não apenas consistência. Esses resultados sugerem uma mudança radical de orientação não apenas no treinamento, mas principalmente na formação de atletas.

O próximo passo dentro de um planejamento de longo prazo é organizar o trabalho com a amostra identificada. Detectar

talento é, obviamente, muito importante, mas saber trabalhar com ele é absolutamente fundamental, até mesmo para não desperdiçá-lo. Pesquisas realizadas na subárea do Treinamento Esportivo, a partir de conhecimentos produzidos na Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Controle Motor, Aprendizagem Motora, Psicologia do Esporte e outras, podem oferecer importantes subsídios para a elaboração de um plano de treinamento para a formação de curto, médio e longo prazos, especificando a duração, a frequência, a intensidade e a periodização mais adequadas para cada atleta e para cada modalidade. Da mesma forma, conhecimentos produzidos sobre a análise do jogo, o comportamento de liderança de atletas e técnicos, a interação grupal e assim por diante (Psicologia e Pedagogia do Esporte) podem ser aplicados na elaboração de um plano de treinamento de aspectos táticos, principalmente nas modalidades esportivas coletivas (CORRÊA; TANI, 2006; TANI; BENTO; PETERSEN, 2006). Igualmente relevantes no planejamento do treinamento referente a aspectos técnicos são os conhecimentos produzidos pela Biomecânica em relação à eficiência do movimento, não apenas para a *performance*, mas também para a prevenção de lesões, e os conhecimentos produzidos pela Aprendizagem Motora sobre as exigências na execução, na aprendizagem e no aperfeiçoamento das diferentes habilidades motoras (TANI, 2002a). Além disso, a partir da premissa que o planejamento do treinamento para a formação envolve a organização prévia de ações de diferentes pessoas com diferentes funções dentro de uma equipe de trabalho, num dado espaço e tempo e com a aplicação de uma complexa logística, conhecimentos acumulados na subárea de Administração e Gestão Esportiva têm também grandes contribuições a oferecer.

No passo seguinte - o processo de treinamento propriamente dito, ou seja, a colocação do plano de treino em prática - a presença da universidade como parceira na orientação, acompanhamento e avaliação do treino pode contribuir decisivamente para o sucesso do processo. A execução de um plano envolve constantes ajustes e adaptações em resposta a alterações não previstas em diferentes áreas e domínios, incluindo a própria resposta

do atleta ao treino, o meio ambiente, o calendário esportivo de competições, condições socioeconômicas, crises políticas e assim por diante. Mais do que nunca a avaliação se torna um importante instrumento para definir a direção das mudanças necessárias.

No que se refere especificamente às avaliações do treinamento, sabe-se que aquelas feitas às vésperas de competições, sem relação com o protocolo de treinamento desenvolvido ao longo do tempo, têm limitada utilidade. É nitidamente diferente uma avaliação do “estado” do atleta num determinado momento (véspera de competição) e uma avaliação periódica e regular adequadamente contextualizada num plano de treinamento (processo). A universidade tem desenvolvido uma série de meios e técnicas para avaliação em diferentes domínios de *performance*, de forma que possui *know how* capaz de contribuir efetivamente na formação do atleta.

No esporte de rendimento atualmente desenvolvido no nosso país, a avaliação às vésperas da competição é superestimada quanto à sua utilidade. Muitas vezes a avaliação configura-se como um fim em si mesmo. Além disso, ela se concentra em aspectos físicos e não abarca outras dimensões da *performance* do atleta que necessitam ser conhecidas. Essas considerações não pretendem negar a contribuição da avaliação às vésperas de competições, o que não se pode é atribuir a ela funções que não lhe são pertinentes.

Uma segunda contribuição da universidade no campo da aplicação situa-se na área da organização e promoção de eventos. Como foi mencionado, no esporte de rendimento, todo o processo de formação e treinamento de atletas está vinculado ao calendário de competições esportivas. Esse calendário está previamente definido na maioria das grandes competições, mas a sua organização e promoção implicam levar em consideração idiossincrasias próprias do país ou da localidade em que elas ocorrem. Isso envolve conhecimentos amplos de várias áreas do conhecimento, de forma que a participação e contribuição de especialistas de cada uma dessas áreas tornam-se imprescindíveis. A universidade é o local por excelência onde

encontrar esses especialistas. Por exemplo, os recém-realizados Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro mobilizaram um bom grupo de especialistas - médicos, engenheiros, economistas, arquitetos, etc. - vinculados à universidade.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE DE RENDIMENTO E A UNIVERSIDADE

A reivindicação de maior investimento de recursos financeiros públicos no esporte de rendimento constitui uma das bandeiras mais agitadas no *day after* olímpico. Não resta dúvida de que o esporte de rendimento necessita de recursos financeiros significativos, porém investir sem políticas bem definidas é como jogar dinheiro a fundo perdido. Política pressupõe o estabelecimento de prioridades de ação em todas as áreas - diagnóstico, planejamento, execução, acompanhamento e avaliação dos resultados - e especialmente prestação de contas no caso de políticas públicas. Sobre essas questões, as manifestações têm sido bem mais contidas.

A universidade, apesar do seu potencial de contribuição, tem tido uma participação também tímida na definição de políticas públicas para o esporte de rendimento. Sabidamente, essa é uma área de natureza muito ampla e complexa, repleta de polêmica e conflitos no que se refere aos interesses, de forma que prudência é sempre bem-vinda. Não obstante, cientes do risco, como membro da comunidade universitária, tomamos a liberdade de tecer algumas considerações sobre aspectos que se julgam pertinentes à nossa área de atuação. Algumas delas já foram apresentadas em fóruns de discussão e de elaboração de projetos junto ao Ministério do Esporte em 2008.

Um aspecto importante da política para o esporte de rendimento refere-se à definição da estrutura física e organizacional responsável pelo seu desenvolvimento. Em alguns países de vanguarda existe uma diversidade de instituições e localidades na formação do atleta, mas o treinamento da elite se concentra no chamado *centro olímpico de treinamento*. A principal razão para essa escolha está no fato de o esporte de rendimento demandar

investimentos pesados, mão-de-obra especializada, conhecimentos de ponta, instalações físicas modernas e equipamentos sofisticados, tanto para a pesquisa como para o treinamento. Evita-se, a todo custo, a duplicação de meios. Exemplos dessa política de formação e treinamento encontram-se concretamente implantados em países como os EUA, a Austrália e o Japão.

O Brasil ainda não definiu de forma clara a sua política nesse domínio. O Ministério do Esporte conta com uma rede de universidades em que foram estruturados os chamados Centros de Excelência Esportiva - Rede CENESP, mas estes desempenham uma função bastante diferente dos anteriormente mencionados centros olímpicos de treinamento. Discute-se a viabilidade, pertinência e relevância da criação de um centro olímpico nos mesmos moldes dos já apontados, mas as características continentais do país, associadas à estrutura de clubes, federações e confederações em que se assenta o esporte de rendimento - além dos interesses de diferentes ordens e naturezas (ideológicas, políticas, econômicas) - têm dificultado uma decisão a respeito.

Considerando-se as peculiaridades do nosso país, uma alternativa interessante poderia ser a estrutura física e organizacional em forma de planeta e satélites. O planeta corresponderia ao centro olímpico, com estatuto e estrutura próprios no que se refere às instalações físicas, à administração financeira e de recursos humanos - algo correspondente aos centros olímpicos de países já citados. Os satélites seriam os componentes da Rede CENESP e outros centros a serem criados, que interagiriam com o planeta em áreas e modalidades definidas. As instituições que fazem parte da atual Rede desempenham, na realidade, funções e missões específicas (ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa e extensão embora não necessariamente ligadas ao esporte de rendimento) e não deixarão de desempenhá-las, de modo que a interação com o planeta seria em torno de projetos e eventos específicos. Neste caso, acredita-se ser indispensável pensar na especialização de cada um dos satélites, para que não ocorra a

pulverização de esforços e meios, muito frequente quando todos se põem a atuar em todas as áreas e modalidades.

Um segundo aspecto relativo a políticas públicas refere-se ao estabelecimento de metas do país em relação ao esporte de rendimento. A história e a estatística dos Jogos Olímpicos mostram que nenhum país pode aspirar à conquista de medalhas em todas as modalidades esportivas. Isso evidencia a importância de definir aquelas em que será feita a concentração de esforços, ou seja, modalidades em que é possível ter perspectivas de sucesso. Nesse particular é importante reiterar a natureza do esporte de rendimento para que as políticas públicas não percam de foco a essência e a peculiaridade do empreendimento. O esporte de rendimento implica um processo de exclusão no sentido de busca da excelência, portanto não é um terreno propício para políticas sociais amplas de inclusão. O amplo acesso à prática esportiva é meta a ser perseguida por outras instâncias, como já foi discutido (TANI, 2007a). Posto isso, não se pode entender como uma política adequada, no esporte de rendimento, atacar todas as modalidades esportivas sem definir prioridades de investimento. Obviamente, não existem métodos de previsão que possam assegurar o sucesso no investimento a ser realizado, mas algumas ações concretas podem ser pensadas como parte de uma política de longo prazo consequente e responsável.

Em primeiro lugar, seria interessante proceder a um amplo levantamento de dados históricos e estatísticos das grandes competições esportivas, por país e por modalidade. Fazem parte desse levantamento: a) as atuais modalidades olímpicas e aquelas com alto potencial de sê-lo num futuro próximo; b) histórico dos últimos jogos olímpicos no que se refere à distribuição de medalhas por países; c) histórico dos últimos campeonatos importantes por modalidade, principalmente mundiais, no que se refere à distribuição de medalhas por países; d) histórico do Brasil nos últimos jogos olímpicos no que se refere à conquista de medalhas; e) histórico do Brasil nos últimos campeonatos importantes por modalidade, principalmente mundiais, no que se refere à conquista de medalhas.

A análise desses dados fornecerá um quadro geral das tendências mundiais por modalidade baseado no desempenho de diferentes países. Essas tendências mostrarão as chances e os possíveis rivais naquelas modalidades em que o Brasil pretende concentrar os seus esforços. A decisão sobre o investimento em determinadas modalidades deve levar em consideração a relação entre a exigência de desempenho e a conquista de medalhas. Existem modalidades em que a diferença no nível de desempenho alcançado pelos países atualmente de ponta e o Brasil é de tal magnitude que desestimula qualquer investimento (normalmente, modalidades em que o país, apesar da sua prática, não desenvolveu ao longo do tempo uma tradição e cultura esportivas). Ao contrário, existem modalidades comparativamente novas para cujo desenvolvimento se poderão encontrar, no futuro, condições favoráveis de disseminação, pela aceitação cultural, vocação e baixa demanda no que se referem ao espaço físico, equipamentos e materiais - em outras palavras, modalidades de grande potencial que mereceriam prioridade de investimentos.

Pode parecer uma estratégia “contabilista”, mas é importante identificar novas modalidades em que a relação entre o número de medalhas e o investimento necessário seja favorável. Existem modalidades que exigem alto investimento no que se refere a dinheiro, tempo, recursos humanos, tecnologia, etc. e resultam em poucas medalhas. Infelizmente, algumas modalidades coletivas se enquadram nessa categoria. Muito se discute se o número de medalhas atribuídas a essas modalidades não necessitaria ser correspondente ao número de atletas envolvidos.

Na mesma linha de raciocínio, mais um passo importante seria identificar modalidades que têm estrutura e dinâmica próprias e assim são autossuficientes e pouco suscetíveis a interferências externas com vistas a novas iniciativas. Muitas dessas modalidades já conquistaram patrocínio próprio e não estão preocupadas com o desempenho de outras modalidades esportivas. Quando o patrocínio é estatal, ou seja, provindo do dinheiro do contribuinte, seria indispensável explicitar os critérios utilizados para tal decisão. Pode ser que a modalidade escolhida não se enquadre nas

prioridades quando os passos aqui sugeridos são aplicados.

Finalmente, mais um importante passo seria identificar as modalidades em que as mudanças de regra e principalmente de tecnologia de materiais têm efeitos muito mais dramáticos e imediatos do que quaisquer ganhos obtidos por treinamento. Existem modalidades em que os equipamentos e vestimentas utilizados têm impacto decisivo nos resultados. Isso significa que ganhos obtidos mediante longos períodos de treinamento são pulverizados e tornam-se completamente sem efeito. Tudo indica que, semelhantemente a áreas como a farmacêutica, a petroquímica e a aeroespacial, a esportiva está dominada por algumas empresas. Em modalidades dependentes do “humor e entusiasmo” dessas empresas é preciso cautela redobrada para o investimento. Não há mais espaço para ingenuidade nesse domínio.

O cruzamento dos resultados dos quatro passos acima delineados possibilitará a elaboração de um *ranking* de modalidades quanto a prioridades de investimento (recursos financeiros, recursos humanos, recursos tecnológicos, etc.) considerando os objetivos específicos a serem alcançados.

As políticas públicas são, por razões óbvias, amplas, genéricas e ambiciosas, mas para o seu desenvolvimento é essencial estabelecer prioridades de ação para que tudo não acabe apenas em projetos. Diz-se que o Brasil é um país pródigo em projetos, em todas as áreas, mas paupérrimo na sua efetiva implantação. Decerto, em muitas modalidades a serem escolhidas já existem ações concretas em desenvolvimento, e, não raro, são iniciativas fundamentadas no idealismo de pessoas resignadas que silenciosamente produzem atletas com competência e regularidade. Cabe começar por valorizar e fortalecer essas práticas bem-sucedidas com investimentos dignos, em vez de projetos megalomaniacos que não saem do papel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A repetição sistemática de fatos e fenômenos como o *day after* olímpico faz sentir, às vezes, certa inépcia coletiva, ou seja, uma incapacidade em dar um encaminhamento

adequado ao problema. Outras vezes, ela nos dá apenas a confirmação de quão complexo é o problema e a certeza de que não se trata de algo que possa ser solucionado em curto prazo. O fenômeno em questão parece conjugar as duas coisas.

As duas causas atribuídas frequentemente ao fracasso brasileiro nas olimpíadas - falta de educação esportiva e falta de investimento - têm alguns fundamentos. A educação esportiva é falha, entre outras causas, porque o nosso sistema educacional é falho. Não é apenas a educação esportiva que deixa a desejar, pois a educação artística, a educação científica, a educação moral, todas elas estão numa situação precária. Pergunta-se, então: por que o nosso sistema educacional é falho? Continuar essa reflexão é um sério convite para cair numa outra repetição sistemática muito conhecida, e daí sucessivamente *ad infinitum*. Paremos por aqui, por coerência. Quanto à falta de investimentos, os resultados de Pequim mostram inequivocamente que não basta aumentar os investimentos. Os resultados alcançados foram nitidamente desproporcionais ao aumento de recursos investidos, como amplamente divulgados na mídia. Antes de investir mais é preciso pensar em investir melhor.

O objetivo desse ensaio foi refletir sobre alguns fatores que têm contribuído para dar sobrevida ao *day after* olímpico repetitivo e discutir o papel da universidade no combate a esses fatores que retardam o desenvolvimento esportivo de rendimento no Brasil. Em outras palavras, longe das pretensões desse texto apresentar soluções para o esporte de rendimento do nosso país.

Na nossa reflexão, o *day after* olímpico, no que se refere à decepção com os resultados, assenta-se num quadro de referência inadequado, porque não considera, na medida da sua importância, a influência dos meios de comunicação no estabelecimento de expectativas superestimadas e a dificuldade inerente ao esporte de rendimento em estabelecer expectativas realísticas de *performance*. Além disso, tal quadro apoia-se numa visão de esporte descontextualizada da realidade do país, na qual o desempenho em outros domínios não é devidamente considerado. Em virtude da influência desse quadro de referência, o diagnóstico sobre os resultados manifesta-se simplista e não se articula coerentemente com as soluções apresentadas.

No plano das ações concretas, realísticas e consequentes - longe, portanto, dos projetos que impressionam, mas não se traduzem em práticas reais - muita coisa poderia ser feita para o desenvolvimento do esporte de rendimento com a participação ativa da universidade, consideradas as suas potencialidades e limitações. Pesquisa, formação de recursos humanos, parceria na elaboração, implantação e execução de projetos de longo prazo, definição de políticas públicas especialmente relacionadas com a formação de atletas, são ações que podem ser incrementadas numa interação mais intensa entre a universidade e as instituições públicas, privadas e do terceiro setor.

Para finalizar, de uma coisa estamos todos certos: fartos desse *day after* repetitivo, precisamos de um outro, de preferência com mais teor e menos "calor".

OLYMPIC DAY AFTER AND UNIVERSITY

ABSTRACT

Just after the end of each Olympic Games an interesting repetitive phenomenon happens in Brazil: unsatisfied with the performance of Brazilian athletes sport managers, former athletes, sport journalists, sport entrepreneurs, sport politicians, among other sport "lovers" come to the public to manifest their criticisms, to present possible explanations for the failure and more than this to suggest efficient formulas to be successful in the next Olympic Games. The main pointed out causes of the failure are the absence of a broad sport education program and the lack of financial investment, especially in the public sector, on the high performance sport. In turn, the solutions presented are the broadening of sport practice starting in the schools and the creation of government mechanisms to improve financial investments and support to athletes, clubs and sport organizations. If the causes of failure and the solutions for success are so well known what justify the repetitive and tiring event each four years? The objective of this essay is to reflect about some of the factors that have been contributing to give survival to this repetitive phenomenon and to discuss the role of the university to face those factors which have delayed the development of high performance sport in our country.

Keywords: Olympic games. University. High performance sport.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, U. C.; TANI, G. Esportes coletivos: alguns desafios quando abordados sob uma visão sistêmica. In: ROSE JÚNIOR, D. (Ed.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- FRANCHINI, E.; STERKOWICZ, S.; MEIRA JÚNIOR, C. M.; GOMES, F. R. F.; TANI, G. Technical variation in a sample of high level judo players. **Perceptual and Motor Skills**, [S.l.], v. 106, p. 833-843, 2008.
- MARINOVIC, W. **Efeito da modificação da tarefa no movimento de rebatida de forehand de mesa-tenistas habilidosos**. 2003. Dissertação (Mestrado)-Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SILVA, S. da S. **Consistência e variabilidade do nado crawl em indivíduos habilidosos**. 2008. Dissertação (Mestrado)-Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2008.
- TANI, G. A criança no esporte: implicações da iniciação esportiva precoce. In: KREBS, R. J. et al. (Org.). **Desenvolvimento infantil em contexto**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2001. Livro do Ano da Sociedade Internacional para Estudos da Criança.
- TANI, G. **Algumas reflexões sobre o bacharelado em Educação Física**. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano. 1997. Documentos 3, p. 56-70.
- TANI, G. Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In: BARBANTI, V. J. et al. (Org.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. São Paulo: Manole, 2002a.
- TANI, G. Avaliação das condições do ensino de graduação em educação física: garantia de uma formação de qualidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 55-70, 2007b.
- TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem imanente do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, [S.l.], v. 3, p. 9-49, 1996.
- TANI, G. Desporto e escola: que diálogo ainda é possível? In: BENTO, J. O.; CONSTANTINO, J. M. (Coord.). **Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito**. Coimbra: Almedina, 2007b.
- TANI, G. Esporte e processos pedagógicos. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Ed. da Unimep, 2000.
- TANI, G. Esporte, educação e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Ed. da Unimep, 2002b.
- TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Recebido em 21/08/09

Revisado em 08/11/09

Aceito em 28/11/09

Endereço para correspondência: Go Tani. Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano. Av. Prof. Mello Moraes, 65, Butantã, CEP 05508-900, Sao Paulo-SP, Brasil. E-mail: gotani@usp.br